

## A poesia filosófica de Cula: um filósofo de araque.

Para-choque de caminhão



Deus criou o homem a sua imagem e semelhança.  
Milhões de anos mais tarde o homem inventou o  
espelho e a cirurgia plástica. (Herculano Alencar)

### araque

**sm** (ár 'arak) **1** O mês m o que **araca**. **2 gír** Elemento da expressão **de araque**, que significa pessoa ou coisa falsa, insignificante, de mentira, sem valor: **Literato de araque**.

*Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*

## Prefácio Verdade Inteira

Herculano Alencar, Cula, piauiense de nascimento, paulistano no estar, médico por excelência, amante da leitura, cortesão das letras por necessidade fisiológica.

As palavras se organizam, se distribuem, se orientam a partir de uma ideia que nasce em qualquer lugar, pode ser no consultório, na rua, em leituras de textos, uma frase solta no ar... Desconfio que uma parte de seus neurônios são na verdade letras que se ligam e formam palavras, depois frases que viram versos, compondo seus tecidos (lirismo a flor da pele) e ele todo é um soneto que anda, fala, trabalha e ama com a plenitude dos poetas.

Escrever é seu exercício de conhecer-se, é sua filosofia de vida, de esquina, válvula de escape, literatura do povo ou qualquer nome que queiram dar para versos que brotam em calçadas com gosto de chope nesse sistema incomensurável de expressões em que nos procuramos, nos perdemos, e no final quando esquecemos a pretensão de sermos grandes autores nos encontramos

...Ah! Somos. Só um verdadeiro escritor escreveria com tanta criatividade e tão à vontade "Dizem que o seu cadáver pigarreja/e quando chega ao céu a lua cheia/, a alma tem vontade de fumar".

Cula é de uma simplicidade impar e até faz um brinde coberto de ironia aos pedantes que se "acham" alguma coisa nessa terra de ninguém.

Seu livro corre solto como um pivete atrás de uma pipa. Passa pelo expediente, dá um pulo no happy hour\_ mais um seu garçom que meu amor me esculachou até chegar a saideira que sempre é a penúltima na psicanálise de boteco.

Não conseguiria com um sem número de palavras determinar, ou medir o talento desse amigo. Sei mesmo é que gosto pra valer de ler esse cabra arretado de bom.

Sinto que ele diz em versos o que penso em prosa e que estamos permanentemente em sintonia poética nesses safados séculos XX e XXI, onde um celular vale mais que um brilho no olhar.

Apesar das sátiras, por vezes puxadas, estamos a bem da verdade querendo deixar vestígios do que vivemos. E que não seja só em *pen drive*. Papel sempre terá valia.

Considero que a maior pretensão do escritor Cula é deixar com seus versos, nos olhos dos outros, a sua mais humana tradução. Em mim não só foi vista como sentida em toda sua extensão. Mais ainda, rolou uma emoção necessária para perceber que entre os parênteses da existência tudo vale a pena ser vivido.

Ler a “poesia filosófica de Cula” faz a gente esquecer por momentos que vivemos na corda bamba de sombrinha. O Show tem que continuar. Com ele continua!  
Rosa Pena/ janeiro 2014

\*\*\*\*\*

É proibido chorar frente ao menu plural que Herculano oferece ao seu leitor, da forma mais séria e mais sóbria que é possível fazê-lo à mesa de um bar!

Nada de ilusões, porque um soneto poderá não sustentar a simetria que julgue sustentar, muito pelo contrário, são tiras e tiras sonetais, com a mesma intensidade das águas que se jogam de imensas cascatas, explodindo nas rochas das hipocrisias sociais.

Uma queda espetacular que nada será possível a não ser o desmanche. Um desmanche tal, sem nenhuma plataforma, que sustente a pena ou qualquer compadecimento da miserabilidade humana, mostrada a cru, por Herculano, nas figuras do povo.

Homens comuns de quem todos trazemos um pouco e, ali, também o poeta se autoironiza.

Não há como sair incólume, mesmo distraídos ou indiferentes aos cânones sociais, pois não há meias- verdades!

Herculano não nos dá o dízimo milenar, oferece-nos cem por cento de sua verve.

Aponta, brinca, satiriza, sem tabus nas palavras, sem remendos ou ervas medicinais.

Emociona? Sim! O "Hobim Wood da paixão"! E, como cravo, se despetala, homenageando a sua musa Rosa.

Prepare-se, porque, ao lê-lo, o riso não passará de um simples esboço, porque ele pode cortá-lo.

Mas é proibido chorar!

Eliane Triska Psicanalista e poeta

### Ode ao vinho

Purpúrico buquê de olor sutil,  
que roda e que ciranda no cristal  
tanífera espuma, tão frugal,  
há muito adormecida no barril.

Vapor que torna o homem mais gentil,  
mais dócil, mais humano, mais castiço;  
que faz um velho ver, qual um noviço,  
o beijo que ficou de quem partiu.

Rubores de menina encabulada,  
que aquece o coração na madrugada  
e inebria a mente na aurora.

Espírito da uva fermentada,  
que faz a bela musa tão amada,  
não mais sentir vontade de ir embora.

### Canonização Ética

—Pendura seu garçom! Pago segunda!  
—De novo, seu doutor? Tá no vermelho!  
—Deixa de ser cacete, seu pentelho,  
se não inda te dou um pé na bunda!

E assim vai carregando na corcunda  
a dívida do jogo e da cachaça.  
E vai bebendo, enquanto a vida passa  
e cada dia mais e mais afunda.

Pra dar o duro, há muito não tem ânimo.  
Entrou para os alcoólicos anônimos,  
não bebe mais, não joga e coisa e tal...

Fundou uma estranha confraria,  
que, em nome de Jesus e de Maria,  
vende cerveja em noites de Natal.

## **Insigth**

Há muito não escrevo um só soneto!  
É hora do almoço, tenho fome!  
Chamo um garçom antigo pelo nome  
e peço um churrasquinho no espeto.

O maître, em seu smoking branco e preto,  
abre um sorriso alegre de cifrão,  
enquanto o chef doura no fogão  
a coxa suculenta de um galeto.

De repente me veio inspiração!  
Peguei um guardanapo no balcão,  
um verso enferrujado na memória,

e rabisquei a pena, displicente...  
a poesia veio de repente,  
como soubesse o fim dessa história.

## **Flagrante de um happy hour**

Enquanto bebo só e a noite passa,  
meus olhos põem a luz sobre um cinzeiro!  
A moça dá o trago derradeiro  
e sopra uma bolinha de fumaça.

A brasa do cigarro ameaça  
queimar o que me veio ao pensamento,  
enquanto a moça faz um movimento,  
que joga meu olhar sobre a vidraça.

Meu coração servil de ex-fumante,  
à beira de um infarto fulminante,  
tossiu, dentro do peito, um som bizarro.

Foi quando a timidez quebrou a taça  
e a moça me sorriu com tanta graça,  
que me senti um toco de cigarro.

### **Poema bêbado**

E lá está o ponto na vidraça,  
à sombra de um silêncio sepulcral,  
como se fosse o último sinal  
antes que mundo caia em desgraça.

Ao lado do tal ponto há uma traça  
parada na metade do caminho.  
Não sei se viu o ponto tão sozinho,  
ou se foi simplesmente por pirraça.

E fica o ponto, enquanto a noite passa,  
e tomo mais um gole de cachaça,  
e ponho um verso a mais do que devia.

Enfim, a embriaguez alcança o sono,  
a traça faz do ponto o cão sem dono,  
que faz, dormir no ponto, a poesia.

### **Carta para Fernando Cunha Lima**

Fernando, meu caríssimo amigo,  
daqui do Miradouro, aquele bar,  
que um dia nos sentamos pra brindar  
o pulso fraternal de um novo umbigo,

escrevo esta missiva, enquanto brigo  
com o frango alho e óleo à passarinho,  
e o chope se desfaz do colarinho,  
e tua ausência senta aqui, comigo.

A principal razão desta missiva  
é acender a chama e deixar viva  
a lembrança feliz daquele dia.

Além disso, me sirvo do momento  
pra pagar ao garçom os dez por cento,  
que esqueci, ao sabor da poesia.

### **Depois do expediente.**

Sentado no boteco da esquina,  
ao som de um cantador desafinado,  
projeto o cansaço do meu fado  
na luz dos olhos negros da menina.

Minha paixão, silente bailarina,  
ensaia um balé de fim de tarde,  
com passos displicentes, sem alarde,  
qual solidão de fundo de piscina.

O chope, a degelar devagarzinho,  
implora à minha boca o carinho  
das noites calorosas de verão.

Enquanto eu, poeta vagabundo,  
hesito, frente ao copo, um segundo  
e deito o meu cansaço no balcão.

### **Amor esculachado**

Ontem mandei às favas meu requinte!  
Troquei Bordeaux por Sangre de Boá  
e fui ao botequim de inhá Sinhá,  
bebi e vomitei por mais de vinte.

Ao acordar do sol, dia seguinte,  
me vi só de cueca e havaiana.  
No rádio, uma música mundana  
doura a manhã de sol dalgum ouvinte.

Então eu descobri que sou poeta!  
Eu amo às claras, amo à encoberta,  
com todo amor que há dentro de mim:

o amor desse cachorro vira-lata,  
que late, abana o rabo, estende a pata,  
mas vai lambe-te o peito até o fim.

## **Saideira**

Cerveja Original no ponto certo!  
Um filezinho esperto, quase ao ponto!  
Da mesa em que estou vejo o encontro  
do abstrato em busca do concreto.

O bar traz a saudade bem mais perto  
do copo em que ensaio a saideira.  
A moça ao lado ajeita a cabeleira  
e me faz um aceno indiscreto.

O celular avisa que é hora!  
Todos os meus fantasmas vão embora  
e pagam a metade da despesa.

Da mesa ao lado vem mais um sorriso,  
que me põe a pensar que o paraíso  
passa por entre os pés daquela mesa.

## **Rogação de um bebedor**

Rogo-te Deus, ó pai celestial,  
que sejas mais humano e menos santo!  
É só o que te peço, por enquanto,  
até que eu vista a toga funeral.

E pra depois, que leias no jornal  
notícias sobre a fome no planeta.  
Peço-te, enfim, senhor, que me prometas  
vires à terra nesse carnaval.

A coisa está difícil, "Pater Nosso"!  
Ando fazendo muito mais que posso  
para cumprir, que seja, um mandamento.

Nunca invoquei teu santo nome em vão.  
E se cobiço as fêmeas de adão,  
é só pra fazer jus ao teu invento.



## **Pseudoemancipação**

Cigarro, calça jeans, cabelo ao vento...  
um copo de cerveja em cada mão,  
a Eva tosse e cospe, qual Adão,  
enquanto nos impõe seu argumento.

À mesa, caipirinha de limão,  
cachaça, cuba Libre, e coisa e tal...  
engov, sal de fruta, sorrisal...  
ao som de cavaquinho e violão.

—Pendura a dolorosa, meu irmão,  
que hoje não carrego um só tostão  
e amanhã é fim de feriado!

E, assim, a nova Eva sem Platão,  
desdenha da serpente de Adão...  
enquanto lava o fruto do pecado.

## **Carta pra um garçom terapeuta**

Neste instante garçom, dileto amigo,  
que o medo embriaga a esperança,  
espalho versos pela vizinhança  
e faço Jung rir do próprio umbigo.

Pois tento entender, mas não consigo,  
sequer uma metáfora de mim.  
Não sei se sou começo ou se sou fim,  
se deixo o novo em busca do antigo.

Mas algo em mim me dá uma certeza.  
Um dia hei de sentar àquela mesa  
para brindar aos loucos e aos seus:

os músicos, poetas e outros bichos,  
que teimam em manter os seus caprichos  
às barbas do demônio ou de Deus.

### **Poeta de balcão**

Eu sou um viciado, um drogadito,  
que fuma poesia nas esquinas  
e soca pó de livro nas narinas,  
só para sentir a dor do infinito.

Eu sou um viciado, admito,  
que bebe do orvalho da aurora  
e sonha, até a lua ir embora,  
que o sol há de nascer bem mais bonito.

Eu sou um traficante de emoções,  
que vende a arte pura de Camões  
nos guetos marginais da poesia.

Eu sou um meliante em extinção:  
um velho Robin Wood da paixão,  
do tempo em que a paixão inda existia.

### **Sexta-feira de madrugada**

O gelo a derreter minha tristeza  
no copo de uísque... a solidão  
a derreter o resto de ilusão,  
que senta, frente a mim, em outra mesa.

Garrafas, sob o tom azul turquesa  
do teto deste bar sem freguesia,  
parecem conhecer a melodia  
em que min'alma vive ainda presa.

Um bêbado solene anuncia alguma  
coisa sóbria e esvazia  
o copo, que dormiu a noite inteira.

Eu olho para o teto e vejo a lua,  
e vou, cambaleando pela rua,  
a vomitar o sol da sexta-feira.

### **Amor incondicional**

Depois de uma noite de orgia,  
o ébrio adormeceu por sobre a mesa.  
Dormiu de face a face co'a despesa,  
com ar de quem pagou o que bebia.

O copo ainda cheio, a mão vazia;  
um toco de cigarro sem fumaça;  
um guardanapo, um resto de cachaça;  
vestígios de ilusão e poesia.

O bar cerrou as portas: —já é dia!  
clama o garçom, em busca de gorjeta.  
E lá se foi o ébrio pra sarjeta,  
juntar-se à mais nobre companhia:

um velho cão de rua, que se deita  
e ouve o que o amigo balbucia.

### **Brincando de poeta nos happy hours da vida**

Depois de mais um dia de batente,  
a lua acende o céu da sexta-feira.  
A noite, e sua sombra costumeira,  
dá-me mais uma estrela de presente.

O bar recebe a lua sorridente,  
como quem dá a mão a uma amante.  
E eu, um vão poeta itinerante,  
encaro a poesia frente a frente.

A garçonete ensaia um sorriso,  
que me faz entender o que preciso  
pra festejar o fim de mais um dia.

Então, peço uma "loura bem suada",  
uma picanha ao ponto, ou mal passada,  
e bebo, e como, e arroto poesia.

## **Desencontro**

Uísque e solidão, o bar vazio  
sob o olhar insone do garçom.  
Um homem a curtir um velho som,  
que teima em acabar num assobio.

Um xale, um casaco de vison.  
Uma mulher que busca companhia  
ao som de uma suave melodia,  
do tempo em que Jobim subia o Tom.

A noite, companheira de orgia,  
acolhe o assobio, a melodia,  
a dose de uísque, o velho som...

A lua, flor-de-lis da madrugada,  
se posta, de soslaio, na calçada  
e flerta, sem pudor, com meu garçom.

## **Lição engarrafada**

Um grande vinho pede companhia,  
como a cortiça pede ao carvalho,  
como o pescoço pede ao chocalho  
e um grã poeta pede à poesia.

De um grande vinho não se faz sangria,  
nem ponche, nem batida, nem quentão...  
Um grande vinho não se põe no chão,  
tampouco num balcão de padaria.

Ao abrires, meu caro, um grande vinho,  
Jamais tu poderás ficar sozinho,  
pois é um crime grave e sem fiança.

Convida, nem que seja algum estranho,  
pois ao final da taça terás ganho,  
um ombro a mais na vida, por herança.

### **Filósofo de bar**

Filósofo eu fui naquele dia,  
quando, ao beber cachaça no gargalo,  
filosofei sob o cantar do galo  
e vomitei no copo em que bebia.

E fiz menção às dores do meu calo,  
e derramei a dor em poesia,  
pois fui também poeta aquele dia,  
ao badalar um sino sem badalo.

Filósofo? Poeta nascituro?  
Há muito e muito tempo que procuro  
uma resposta a esta indagação.

E enquanto não encontro uma resposta,  
trago filosofia descomposta,  
junto à cachaça, o copo e o limão.

### **Porta de bar**

Pra cada porta aberta no trajeto  
há um portão fechado logo a frente.  
Portanto é necessário, minha gente,  
ter um chaveiro bom e bem esperto.

Que seja pois o Grande Arquiteto,  
ou gente do primeiro escalão:  
Pedro, Tiago, Judas ou Simão,  
no caso de Jesus não tá por perto.

Se por acaso o bardo for ateu  
ou um poeta burro, como eu,  
só resta a mais antiga solução:

puxar ou empurrar, conforme o caso.  
Na dúvida: consulte o Parnaso  
ou o menu largado no balcão.

## **Celebração**

À mesa, enfeitada de poetas,  
há taças de amor e poesia!  
O vento, a bocejar o fim do dia,  
assopra em suas rimas prediletas.

Assim... a poesia se completa  
em cada trago, em cada taça erguida;  
em cada verbo e cada voz contida,  
que foge das cavernas mais secretas.

Abraçam-se palavras e sorrisos!  
Os velhos sonhos quedam submissos  
ao sêmen que fecunda a criação.

E cada um poeta, a essa hora,  
desmancha em poesia, boca afora,  
o verso que lhe preme o coração.

## **O bêbado e o equilibrista**

Trançando as pernas rumo ao sol poente,  
o bêbado encontra o equilibrista!  
—Qual de nós dois será melhor artista?  
Indaga o ébrio em tom impertinente.

Não sei senhor! Lhe digo francamente,  
que eu jamais andei embriagado.  
O bêbado sibila admirado:  
—Servido um golinho de aguardente?

Cinco copos mais tarde, o sol já posto,  
os dois, embriagados de dar gosto,  
seguem, trançando as pernas, rumo à lua.

Cai o equilibrista, esbaforido,  
e o bêbado, de pé, nariz erguido...  
entoa seus aplausos pela rua.

## **Psicoterapia de boteco**

Portas abertas, templo de profanos,  
altar de prateleiras coloridas  
por tira-gostos, sonhos e bebidas,  
fracassos, ilusões e novos planos.

Fumaça, solidão, causa perdida...  
garçons que servem dores na bandeja,  
enquanto um velho som inda solfeja  
a música mil vezes repetida.

Concha em que ressona o ostracismo,  
a lágrima, o riso e o lirismo  
dos sôfregos em busca de motivos.

O boteco é o divã dos deprimidos,  
dos fiéis, dos ímpios, dos perdidos  
na noite sepulcral dos mortos-vivos.

## **zooética**

Trançando as pernas segue, embriagado,  
a tropeçar nas patas do seu cão.  
Blasfema, balbucia, beija o chão...  
até pegar no sono, estatelado.

O cão guarda de cor cada pecado,  
que o vício impingiu ao companheiro.  
E sente o ar da morte pelo cheiro  
do sangue e do vermute derramado.

E solta um aulido amargurado,  
e lambe, sem pudor, a mão ferida,  
e cheira o corpo inerte atrás de vida,  
e deita o sofrimento ao seu lado.

Orelhas murchas, rabo abaixado,  
patas curvadas sob próprio corpo.  
Qual deles realmente estava morto,  
eu tenho, a vida inteira, perguntado.

### **Sétimo sentido**

Quem vê por um buraco na parede,  
não vê o sol deitar no horizonte  
e nunca há de saber qual é a fonte  
da água que sacia a própria sede.

Quem viu o sol deitar no horizonte,  
abriu uma passagem na parede,  
saiu e conseguiu matar a sede  
co'a água que bebeu na própria fonte.

Quem ouve o coração dalgum amante,  
ainda que ele bata tão distante,  
que mal se possa ouvir o que ele diz,

é capaz de saber por que o poeta  
consegue fazer curva em linha reta,  
depois de ter bebido um "chafariz".



### **As benesses do celibato**

Eu queria ser padre, usar batina,  
entrar, depois das seis, na sacristia,  
copular, com suprema regalia,  
uns dedinhos abaixo da vagina.

Eu queria untar de vaselina  
o prepúcio, a glande, a camisinha  
e depois acusar o coroinha,  
que, a sós, se masturba na surdina.

Não fui padre por obra do divino,  
que me veio num sonho de menino,  
às portas da primeira comunhão,

me falar sobre os ritos da igreja.  
Hoje, ao segundo tempo da peleja,  
penso quanto fui burro ao dizer não.

### **Vaticínio**

Pra cada um Abel há um Caim,  
pra cada um Caim há um irmão.  
E os filhos da costela de Adão  
carregam seu pecado até o fim.

Pra cada homem bom há um ruim  
e, assim, de geração em geração,  
por conta da costela de Adão,  
alguém trouxe o pecado até mim.

Eu já nasci na cruz do pecador,  
por ordem divinal do Criador,  
antes que eu fosse um mero embrião.

Hoje vivo, no bar ou na igreja,  
na esperança vã que Ele me veja  
beber minha cachaça em oração.

## **Anuro**

Os anjos são enormes passarinhos,  
que voam pelos céus, a qualquer hora,  
desde o anoitecer até aurora,  
ora em legião, ora sozinhos.

Os anjos bem conhecem os caminhos,  
que levam, seja ao céu, seja ao inferno;  
as rotas de verão e de inverno  
e o canto dos pequenos passarinhos.

Portanto quando a merda vir do céu  
e borrifar na aba do chapéu,  
quer seja de um nobre, um João ninguém,

haveis de meditar uma resposta  
pra explicar de onde vem a bosta,  
que o mundo, de joelhos, diz amém.

## **A justiça divina**

Herói de ontem, hoje e amanhã,  
um nobre paladino da justiça  
mantém a bela mama submissa:  
a concha magistral do sutiã.

Se peito de mulher fosse maçã,  
Adão jamais teria dor de dente  
e Eva tinha assento permanente  
no reino divinal da fé cristã.

Mas a velhice traz suas mazelas  
e até na mais formosa das donzelas  
os seios vão caindo no abdômen.

Não fosse o sutiã, essa invenção,  
no osso da costela de Adão  
Deus teria forjado mais um homem.

### **Primeiro Pentateuco**

E Deus obrou o mundo em sete dias,  
e pôs um tal Adão no paraíso,  
e pra minimizar o prejuízo,  
deu, ao primeiro homem, companhia.

E Deus tomou um banho d'água fria  
ao descobrir que foi ludibriado.  
Assim, criou a culpa e o pecado,  
e castigou a sua própria cria.

Daí em diante, veio o purgatório,  
o fogo do inferno, o escritório,  
o capital, a multa, a hora extra...

E o Pai criou um céu particular  
Pra ver a sua cria prosperar...  
de longe, que o divino não é besta.

### **Bateu o sono**

O velho Monge fez longo sermão  
na missa de primeiro de abril.  
Falou da economia do Brasil,  
da bolsa de valores, da inflação...

Falou do tsunami do Japão,  
e dos desempregados da Espanha.  
Também falou do PIB da Alemanha,  
da China de Israel, do Paquistão...

Não esqueceu nenhuma oração,  
nem mesmo da cabeça de João  
servida de bandeja à Salomé.

Eu digo, com o perdão do velho monge,  
que quando se ouviu soar bronze,  
não havia um fiel inda de pé.

### **Justiça-mor**

Sujeito rico, multimilionário,  
dono de quase tudo da cidade:  
do bar, do cabaré, da faculdade;  
do lucro, do imposto e do salário.

Doava dez por cento pro vigário,  
de cada uma e todas transações,  
para antever a fala dos sermões  
ou ter acesso livre ao campanário.

Pagava ao delegado e ao juiz,  
só não pagava mesmo à meretriz,  
pra enfiar o caibro na forquilha.

Hoje ele está do bico do urubu:  
vomita pela boca e pelo cu  
e ostenta uma sonda na braguilha.

### **Meia verdade**

Quem não souber mentir, aprenda agora.  
Invente uma desculpa, um argumento:  
diga que está cumprindo um juramento,  
ou que alguém o fez perder a hora.

Que o padre atrasou o casamento,  
pois faltou água e luz na sacristia.  
Que seu carro ficou sem bateria,  
ou que algo entupiu o escapamento.

Mentir é revelar outra verdade,  
oculta nos porões da falsidade,  
sob o ventre servil do fingimento.

Portanto minta, e minta sem receio,  
enquanto não houver um outro meio  
de advogar seu próprio julgamento

### **"Deus é brasileiro"**

E Deus criou o mundo em sete dias,  
e fez o Homo sapiens de sócio,  
e juntos investiram em um negócio,  
que hoje se conhece por franquia.

É claro que o Pai Nosso já sabia  
a fórmula secreta do sucesso,  
pois espalhou por todo o universo:  
o dízimo, o pecado, a homilia.

O dízimo garante dez por cento,  
o pecado estimula o investimento  
e a homilia avulta o marqueteiro.

Assim, inda que pese a inflação,  
dá-me a igreja e a religião,  
certeza de que Deus é brasileiro.

### **Antítese da santa sé**

E o santo põe a culpa nos ateus  
por todas as mazelas desta vida.  
E vai cear no beco sem saída,  
em que reza o tropel de fariseus.

E o cardeal de saia colorida,  
agente disfarçado da gestapo,  
cospe veneno sobre o guardanapo,  
junto com seus sobejos de comida.

E o padre renuncia à castidade  
e suplica aos fiéis, por caridade,  
os deleites da carne sem pecado.

E os noviços da fé, no catecismo,  
um por um vai caindo no abismo,  
a chorar pelo sêmen derramado.

## SANTA CLAU\$

À sombra dos Noés estilizados,  
que grassam nas vitrines do Natal,  
há algo que azeda, e cheira mal,  
e goza das benesses do mercado.

Algo que não ficou crucificado,  
que resistiu à força e à traição,  
que veio a ser, mais tarde, o falso pão  
que Judas nos deixou como legado.

Por trás das luminárias do Natal,  
a hipocrisia ri na escuridão,  
e bebe do vinagre, e amassa o pão  
que nutre as sanguessugas da moral.

Algo que alimenta o capital  
com os juros da fé e do consumo.  
Algo que faz a cruz mudar de rumo  
e transforma o cordeiro em Chacal.

### **...Na tal da resseção, o circo armado...**

Pois é! Papai Noel tá de dieta  
forçada pela crise mundial,  
junto com Momo, o rei do carnaval  
e a pena digital deste poeta.

Já pensa vender parte no Pré-Sal  
pra Santa Claus, o primo americano,  
ou para algum poeta leviano,  
que minta três mentiras de Natal:

—Eu venho, de trenó, do pólo norte,  
guiado por Rudolph e seu nariz,  
fazer uma criança ser feliz,  
qualquer que seja, em vida, a sua sorte.

—Sou gordo, e grande, e rio muito forte,  
e falo a língua muda universal,  
expressa nos presentes de Natal  
trazidos, no trenó, do pólo norte.

—Eu vou, de casa em casa, o mundo inteiro,  
a navegar nos sonhos pueris,  
fazer uma criança ser feliz  
ao tornar o seu sonho verdadeiro.

Hoje, quase falido, sem dinheiro...  
usa bolas vermelhas no nariz.

## **Papai Noel for sale**

Velho fantasma, alma insubmissa,  
de vestes rubras, tez acetinada,  
açoita renas pela mesma estrada  
por onde a mentira reza missa.

Riso forçado, voz que enfeitiça,  
cetim, fabricação oficial,  
acolhe, pelos shoppings, no Natal:  
a crença, o consumo, a cobiça...

Papai Noel, obeso manequim,  
enfeite de vitrine iluminada,  
a tua estória já não me diz nada  
e tuas roupas não servem pra mim.

Tu hás de tilintar até o fim,  
vendendo bugigangas na calçada.

## **Carnaval, alegoria do gênesis.**

E toda a natureza se inclina  
perante a criatura mais perfeita,  
que senta junto a Deus, à pá direita,  
e busca saber mais do que ensina.

O homem, criatura ora eleita  
para acalmar as sanhas divinais,  
recria o paraíso e algo mais  
e dá, pra Jeová, nova receita:

Eva, na via sacra das orgias,  
a desfilar, carnavais alegorias,  
por sob o céu inube de Adão.

E das arquibancadas, emergentes  
agitam-se milhares de serpentes  
atrás da sua própria criação.

## **Um bom ateu**

Eu sou um bom ateu, meu bom cristão!  
Respeito a mensagem que há na cruz.  
Não falo, nem desdenho de Jesus,  
mas tenho ojeriza à procissão.

Eu fiz minha primeira comunhão,  
por força do costume e da cultura.  
Se entendia tudo, àquela altura,  
não sei dizer, mas penso dizer: não.

Eu aprendi, por pura intuição,  
a duvidar do padre, do sermão,  
da confissão, da sé, do sacramento...

Hoje, que sou ateu de coração,  
peço ao meu Deus que tenha compaixão  
e não me cobre o nono mandamento.

## **Exéquias de um ateu**

Cético. Foi um ateu de nascimento!  
Nunca rezou pra Deus, o Criador.  
Nunca falou em nome do Senhor  
e nunca obedeceu um mandamento.

Quando morrer, no seu falecimento,  
a morte, a mais ilustre convidada,  
vai desfilar com ele na calçada,  
vestindo o derradeiro lançamento.

E vai zoar dos padres, dos rabinos...  
e da eclesial hierarquia.  
E degustar a vil asfixia,  
que a morte põe à mesa do divino.

E ao ver seu corpo ateu se consumindo,  
resta-lhe acreditar que faleceu  
e finalmente entregar a Deus  
a carta endereçada ao seu destino.

E ao ouvir, enfim, soar o sino,  
rezar o padre nosso dos ateus.



### **Ateu Temente**

Temente a qualquer religião,  
eu sou ateu com "a" de agnosia.  
Pois "sei que nada sei", como diria  
o mestre idolatrado por Platão.

Ao velho Rui Barbosa dou razão,  
portanto o copio aqui, de novo:  
a suma ignorância de um povo  
sustenta o andor na procissão.

Se deus, aqui pra nós, me desse ouvido,  
decerto já teria aprendido  
a duvidar de si, tal como eu.

Mas como ele é um ser onipotente,  
é muito mais provável que ele tente  
me fazer desistir de ser ateu.

### **Poeta penitente**

Quando a morte levar-me pro inferno,  
eu fugirei, pois sei um bom caminho.  
Vou bater asas, qual um passarinho,  
nos ares abissais do fogo eterno...

No purgatório, o quintal vizinho,  
eu fingirei que sou um querubim.  
De novo, bato asas... e assim...  
hei de chegar ao céu azul-marinho.

Em lá chegando, Deus, santo caudilho,  
há de reconhecer-me como um filho,  
que regressou do mundo ao lar paterno.

Ele ouvirá silente a minha história.  
E os santos, em menção à sua glória,  
me levarão, às pressas, pro inferno.

A face oculta do Natal

Papai Noel, meu filho, é utopia.  
É como um sonho vindo do além  
para carpir, na dor que o mundo tem,  
o solo que sepulta a poesia.

Papai Noel, meu filho, é um alguém  
que já não ri do jeito que sorria,  
quando o Natal não era só um dia  
pra penhorar o último vintém.

Papai Noel, meu filho, é um cartão  
de crédito ou de débito, um talão  
de cheques pré-datados que, sem fundo,  
esperam pelo décimo terceiro.

Papai Noel, meu filho, é o dinheiro  
que hoje toca sinos pelo mundo.  
Fosse Papai Noel um são Raimundo,  
teríamos Natal o ano inteiro.

### **Acidente de percurso**

Um espermatozoide suicida,  
em dia de fecunda depressão,  
morreu ao encontrar a nidação,  
que o trouxe de volta para a vida.

Cresceu e teve a forma distorcida  
por força da cinética mutante.  
E se foi, alterando a todo instante,  
até tomar-se coisa definida.

Foi mórula, agora é o embrião,  
que há de conceber um novo feto.  
E do acaso um ciclo foi completo

e Deus lhe deu o nome de Adão.  
O Pai, onipresente, ganha um neto  
e o diabo perpetua a geração.

## **Teoria criacionista de Cula**

E deus tirou do nada a energia,  
e fez surgir da treva a luz dia,  
e forjou, na argila, a criação.

Sem saber bem ao certo o que fazia,  
produziu um aumento de entropia,  
até se dar início a explosão.

E deus obrou, do átomo, Adão  
e pôs o universo em expansão  
no vácuo que pariu a existência.

Ao longe, o retumbar de um trovão  
anunciou a terra em formação,  
na página proscrita da ciência.

E deus, na sua santa onipotência,  
curvou-se à criação em reverência  
aos dotes divinais da humanidade.

Anos luzes depois, sem paciência,  
transferiu pro acaso a incumbência  
de obrar o universo de verdade.

Só quem forjou na brisa a tempestade,  
pode entender, da vida, a essência.

## **Triquestroques**

Hoje, sexta-feira santa,  
logo fui à santa feira;  
comprei feijão de carreira,  
duas picanhas com manta...

Minha mulher, uma santa,  
abençoou minha feira,  
me examinou a carteira  
como se eu fosse anta.

Como era sexta-feira,  
pensei: será que adianta  
casar-se com uma santa  
e fazer compra na feira,

se a picanha não cheira  
e a fome nem era tanta!?

## Filosofia vulgar

### Ventre livre

Quem já viu uma pomba, bem de perto,  
defecar na cabeça dos passantes  
é capaz de saber como era antes,  
quando o homem obrava a céu aberto.

Quando o jovem era muito mais esperto,  
mais cordato e amigo, mais sincero...  
Quando o rock era a sombra do bolero  
e a latrina não tinha um lugar certo.

Quando o velho não tinha cerimônia  
de expelir seus odores de amônia,  
pelas sombras e moitas da cidade.

Quem não pôde na vida, seu poeta,  
defecar num lugar de porta aberta,  
não viveu plenamente a liberdade.

### Tanajura

Nasceu com um defeito nas orelhas,  
um olho vesgo, o outro com miopia.  
Cresceu a espirrar de alergia;  
não tinha os cílios, nem as sobancelhas.

As unhas eram curvas como telha.  
Nos pés, de cada lado, um esporão.  
Aos onze a primeira convulsão  
após uma picada de abelha.

Aos treze se rendeu à TPM.  
De lá pra cá a moça chora e geme  
a cada novo ciclo menstrual.

Aos vinte exibiu uma corcunda.  
Aos trinta se não fosse pela bunda,  
não haveria flor no funeral.

### **Ilusão de ótica**

Quem anda na beirada do buraco,  
já sabe que o buraco tem a beira  
e sabe que o buraco também cheira,  
tal como cheira o fumo do tabaco.

Quem sabe pôr a lenha na fogueira  
e atizar o fogo com cavaco,  
sabe que todo prato vira caco  
quando despenca, ao chão, da prateleira.

Quando o buraco exala o cheiro azedo,  
que traz à superfície o segredo  
guardado entre o reto e o duodeno:

a mente, quase sempre tão fecunda,  
enxerga finalmente, à luz da bunda,  
o quanto que o ânus é pequeno.

### **Insônia**

Drosófila de voo traiçoeiro,  
que zumbe dia e noite, em meu ouvido,  
como se fosse a flecha do cupido  
a procurar seu alvo rotineiro.

Ó díptero que sente, pelo cheiro,  
o último suspiro da paixão,  
que tem, da morte, a trágica visão,  
antes de ser entregue ao coveiro.

Ó musa da paixão mendeliana,  
modelo da genética humana,  
que reina na ciência, absoluta...

Eu rogo, pela paz da tua asa,  
que voes para longe desta casa  
e me deixes dormir, filha da puta!

## **Imo**

Que me roubem o verbo ou a pena,  
seja a tinta, o pincel, o violão...  
Que me roubem o pejo, a razão,  
as luzes da ribalta ou a cena.

Que me roubem a cor da tez morena,  
o silêncio fiel da solidão...  
Que me roubem a fé, o coração  
e os pilares da ponte de safena.

Que me roubem as preces da novena,  
o alvor da manhã, da açucena...  
ou o hímen da última donzela.

Que me roubem o medo, a ousadia...  
restará, na carcaça, a poesia  
que há de ser e ficar inda mais bela.

## **O troco**

Sempre falava mal da vizinhança:  
“a casa da esquerda, um randevu,  
o moço da esquina dava o cu,  
provavelmente dêz que era criança”.

“A filha do vizinho tinha pança,  
o filho tinha um bico de urubu,  
a mãe, a voz horrenda de anu  
e todos com problemas de finança”.

Viveu a destratar cada vizinho.  
E foi ficando só e tão sozinho,  
que já não fala mal de mais ninguém.

Hoje vive a bater de porta em porta:  
Enquanto o velho orgulho se entorta  
pra mendigar, que seja um só vintém.

### **Desígnio de pai**

Foi um pai exemplar, um bom marido,  
ciente dos deveres conjugais.  
Criou a prole inteira e, muito mais,  
ofereceu o colo e ouvido.

Viveu só pra fazer e dar sentido  
ao desígnio de pai, como entendia:  
ser pai é dar o pão de cada dia  
e garantir que seja dividido.

Ser pai é castigar, quando preciso,  
desde o dente de leite até o siso  
e dar o amor, mais puro e verdadeiro.

Ser pai é limpar fezes e urina,  
meter a mão, sem nojo, na latrina  
sem preconceito ou distinção de cheiro.

### **Morre torto, mas não mata!**

Nasceu com uma curva genital,  
que aos poucos foi ficando acentuada.  
Dizem que a primeira namorada  
sofreu hemorragia vaginal.

Dizem, só por dizer e falar mal  
ou para dar vazão ao preconceito,  
que pau que nasce torto não tem jeito,  
há de ser torto até o funeral.

Mas outro dia li no para-choque  
de um caminhão, com placa de São Roque,  
um breve interessante comentário:

“O pau que nasce torto faz xixi”,  
seja em São Paulo ou no Piauí,  
na tampa ou arredor do sanitário.

### **Soneto cacofônico gineco e lógico**

*(título sugerido pelo poeta Anselmo cordeiro)*

Levei a namorada ao ginecologista,  
um médico afamado da minha cidade.  
Entramos, de mãos dadas, no final da tarde,  
na sala de espera com velhas revistas.

Consulta com atraso, pagamento à vista,  
que é parte da rotina de quem quer ser chique.  
Um copo de café pra não se dar chique,  
enquanto se aguarda a hora da entrevista.

Depois de duas horas, nalgas na cadeira,  
ecoa a voz suave de uma enfermeira:  
-"Senhora Diva Gina Berta Dias Passos!"

Silêncio sepulcral... olhares de soslaio...  
Jamais esquecerei o trinta e um de maio  
na sala de espera do doutor Picasso.

### **Soneto escatológico**

Um pensamento morre a toda hora  
e fede, ainda mais, cada vez mais.  
Exala o cheiro forte dos currais,  
da bosta que inunda o mundo afora.

Eu penso como pensam animais:  
hienas, rola-bostas, camarões,  
poetas e outros tipos de cagões,  
que vivem a defecar seus ideais.

Pudesse e jamais eu pensaria  
com toda a podridão e porcaria  
que dormem no meu gueto cerebral.

Mas como sou refém do pensamento,  
enterro, junto a fez, o meu talento  
no verso que há de abrir meu funeral.



## **Metáfora colonoscópica**

Aquele olhar que enxerga quase tudo,  
se pôs a devassar minhas entranhas,  
a vasculhar nas teias de aranhas  
em busca dalgum ente surdo-mudo.

E remexeu sem dó, sem parcimônia...  
os antros do meu tubo digestivo,  
como soubesse achar um bom motivo  
pra brindar o final da cerimônia.

Aquele olhar agudo, sem-vergonha...  
me desnudou, do reto ao duodeno,  
qual uma cobra preta, sem veneno,  
atrás dalguma fonte de peçonha.

Só pra satisfazer a velha sanha,  
abocanhou um pólipó pequeno.

## **Escatologia da paixão**

Abre-se, feito porta de curral,  
à fila de varões necessitados  
dos beijos genitais alucinados,  
às barbas do prazer transvaginal!

E nua, a mendigar o amor carnal,  
inunda-se de muco na espera,  
enquanto o falo ereto dilacera  
um broto de botão hemorroidal.

E vai, e vem, e volta novamente,  
e escarra a gosma, líquida e quente,  
nas circunvoluções intestinais.

E quando, finalmente saciada,  
devolve a paixão ejaculada,  
como se fosse cíbalos fecais.

## **À sua bunda**

A sua bunda abunda em beleza,  
também abunda em carne tão macia,  
que há de abundar em prosa e poesia  
com abundância e grã delicadeza.

A sua bunda é bunda de princesa,  
que abunda austeridade de rainha.  
Mulher, se sua bunda fosse minha,  
eu ergueria enorme fortaleza

para que a resguadasse da cobiça.  
Teria a sua bunda submissa  
a cada uma banda, a bunda inteira.

A sua bunda abunda em majestade,  
com tanta graça e tal simplicidade,  
que abunda, em poesia, na cadeira.

## **Dependência psíquica**

E funga, e cospe, e tosse, e se maldiz...  
E geme, e funga e tosse, e cospe e funga...  
E põe a calça suja sobre a sunga,  
enquanto assua o muco do nariz.

E xinga o mundo inteiro, o infeliz!  
E tosse e, por descuido, expectora!  
E escarra, dia e noite, mundo afora,  
como se ouvisse alguém pedindo bis.

E assim fumou o último cigarro,  
até que finalmente foi pro barro,  
por conta de um câncer pulmonar.

Dizem que o seu cadáver pigarreia  
e quando chega ao céu a lua cheia,  
a alma tem vontade de fumar.

## **Gripe**

Hoje estou enfermo e de pijama!  
O frio, a zombar da minha tosse,  
Me vestiu de palhaço e tomou posse  
do mal humor que faz a minha cama.

—Uma aspirina! minha dor reclama.  
O ar teima em arder no meu pulmão.  
Quiçá uma cachaça com limão  
há de manter acesa a velha chama.

A gripe, minha nova companheira,  
me sufoca, com laivos de catarro,  
e ri da minha tosse, e tira sarro  
da febre e da coriza costumeira.

Não fosse a mão gentil da enfermeira,  
até o meu tesão ia pro barro.

## **Mal do século**

Um grande homem sabe ser pequeno  
na pequenez da vã sabedoria.  
Sabe comer do bom, da porcaria...  
sabe curtir o mel e o veneno.

Um grande homem sabe ser ameno  
no auge do debate ou da luta.  
Sabe entender a santa e a puta,  
sabe agradar troianos e helenos.

Em nossa era ser um grande homem  
é ter um volumoso abdômen  
e a bolsa abarrotada de ações.

Se tu queres ser grande, meu amigo,  
afrouxa, pois, o cinto ao pé d'umbigo  
e senta-te no trono dos caçõs.

### **Dentes eróticos**

Casal... lua de mel na Argentina!  
Ela, uma nubente quase virgem,  
sentia-se à beira da vertigem  
com mil suores frios na vagina.

Ele, que já tomara a vitamina,  
domava, com firmeza, a ansiedade  
dos seus quarenta anos de idade,  
à espera, como a noiva determina.

Ela pudica deita-se ao seu lado  
recita o padre-nosso do pecado  
e sem querer escapa uma mordida.

O quarentão engole a dor silente,  
enquanto o sangue rubro da serpente  
irriga vitaminas na ferida.

### **Pudibundaria**

Se falo do amor como se espera:  
um bem angelical, quase utopia,  
mil corações se rendem à poesia  
e me curvo às palmas mais sinceras.

Se falo do luar, da primavera...  
das flores, dos amores infinitos...  
ouço dizer: que versos mais bonitos!  
Quisera tê-los feito, quem me dera!

Mas quando faço um verso depravado,  
que fala do amor sem preconceito,  
do que se dá a torto e a direito,  
sem medo da desonra e do pecado.

Mil corações reclamam em seus peitos  
e me curvo aos apupos dos honrados

## Filosofia furtada

(Em menção ao talento de Rosa Pena)

### Um soneto ao ocaso

Fim de tarde: cadeiras na calçada,  
vodca, limão, gelo e poesia!  
O mar espuma verso e maresia  
num beijo de marola enamorada.

E eu, batata frita bem salgada, pronto  
pra dar realce ao paladar,  
ouço uma brisa fresca assobiar  
como se fosse lira recitada.

O sol, que já batia em retirada,  
volta matreiro, dá uma espiada  
como quem solicita a saideira;

flerta c'oa lua, antes que anoiteça,  
doura um soneto pra que eu não esqueça  
deste momento pela vida inteira.

### Tarjando preto

Onde andaré o meu psicotrópico,  
que não me lembro mais da prescrição?  
Se era tarja preta, lembro não,  
mas li, nalgum lugar, que era tóxico.

Quiçá larguei na casa do patrão,  
pois o patrão tem algo parecido.  
Coitado do patrão foi demitido,  
por assinar a própria demissão.

O cara tem lesão no nervo óptico  
(complicação de hiperglicemia),  
sofre também de epilepsia...  
recentemente ficou psicótico.

Não se lembra mais de ter vivido,  
desde a derradeira prescrição.  
Come, como se fosse a solução  
pra falta de dinheiro e da libido.

E eu, que só consigo dizer não  
sob o efeito do psicotrópico,  
ando a cada dia mais neurótico  
por conta dessa longa abstenção.

Meu médico aviou uma injeção  
de mais de dez milhões de insulina;  
supositórios, drágeas, vitaminas...  
xarope, aerossol e suspensão.

Não tomo mais o meu psicotrópico!  
Vou namorar a filha do patrão  
e procurar um outro charlatão  
pra refazer o meu diagnóstico.

E, se sobreviver a ele (é lógico),  
vou consultar mais uma opinião.

## Trauma de infância

Mamãe, se hoje estou desempregado  
eu devo a ti e tua terapia.  
Pois quando era criança me dizias:  
—meu filho é preciso ter cuidado!

Não saias sem tomar a vitamina,  
mesmo se tu chegares atrasado.  
Não sejas qual seu pai, tomes cuidado,  
pois há algum perigo em cada esquina.

Cresci vitaminado e infeliz,  
pois triste é ter doença sem vacina.  
Como dizia minha vovozinha:  
—toda catota tem o seu nariz!

Tome Cuidado, mãe, sou em quem diz,  
pois vi papai comprando vaselina

## A rima do Ernesto

Ernesto, carioca suburbano,  
nasceu num botequim de padaria.  
E dizem que é dele a autoria  
do canto popular gregoriano.

Também era chegado em poesia,  
filosofia grega e de balcão.  
E fosse Jung, Freud ou Platão...  
Fosse qualquer assunto, ele sabia.

Sabia seduzir, que dava gosto  
ouvi-lo instigar o sexo oposto,  
com seus provérbios simples e honestos.

Morreu, sabe-se lá de quê, meu Deus!  
E se não houve tempo pro adeus,  
há tempo pra saudade do Ernesto.

### **Futura ex-amante**

Antes não te houvesse encontrado  
naquele triste sonho de verão,  
pois tudo o que sonhei, sonhei em vão,  
quando quedei, por ti, apaixonado.

Tu eras uma deusa sem pecado  
e eu era um poeta sem destino,  
a procurar em ti algo divino,  
pelo teu corpo nu, junto ao meu lado.

Um dia, no futuro inda distante,  
vou me lembrar de ti: a ex-amante,  
que visitou meus sonhos de poeta.

E, ao dobrar a curva do futuro,  
vou tatear teu corpo no escuro,  
enquanto o meu destino se completa.

### **Semanário**

Hoje é segunda-feira, o sono agarra  
os versos preguiçosos do poeta.  
Na terça, os pedais da bicicleta  
põem a correr a rima, inda na marra.

Na quarta, um preparo para a farra:  
um antidepressivo, um antiemético;  
um verso, com sotaque soviético,  
ao canto estridente da cigarra.

Na quinta, a poesia, essa besta,  
espera mais um dia e, na sexta,  
encontra a sua própria solidão.

No sábado, o céu prepara um pingo  
de chuva, que no dia de domingo  
despenca, embora nunca chega ao chão.

### **Um espinho no calcanhar da Rosa**

Fascite, fasceíte, não sei não...  
bico de papagaio ou de galo...  
provocam talagia e outros calos,  
que doem do calcâneo ao coração.

Sinal da persistente inflamação  
da fáschia plantar, bem junto ao osso,  
que ora velho, um dia já foi moço,  
deixou calcificar o esporão.

Calcaneodinia lancinante,  
que teima em nos lembrar, a todo instante  
o peso da idade, o verdadeiro.

Dorzinha miserável de uma figa,  
que dói no calcanhar de minha amiga:  
vá lancinar no cu dalgum coveiro.

### **Vidinha medíocre a minha!**

Do meu primeiro amor não guardo nada:  
sequer um beijo esnobe de cinema,  
ou um verso qualquer dalgum poema,  
que fale da eterna namorada.

O meu primeiro amor era uma fada,  
daquelas de varinha e tudo mais!  
Com seus poderes sobrenaturais,  
me deixou a lembrança esfumaçada.

Que vidinha medíocre a minha!  
Vivo do tilintar de uma varinha,  
qual onomatopeia de telim.

Ainda bem, meu Deus, ainda bem,  
que, ao comemorar ano que vem,  
sepulto esse amor dentro de mim.



### **Elefantoide**

Eu sou um paquiderme elegante,  
com tromba, com memória e tudo mais.  
Vivo a bramar meus gritos naturais  
seguindo o meu instinto de elefante.

Cérebro curto, corpo de gigante,  
misto de pele e massa muscular;  
olhos pequenos feitos para olhar  
e ver o óbvio triste e ululante.

De fato eu cresci um elefante!  
E meu cardiologista me garante,  
que tenho o coração daquela gente,

que ainda jovem morre de infarto.  
Hoje, dorme comigo, no meu quarto:  
um Isordil e um litro de aguardente.

### **Um adeus enfronhado**

Não leve o travesseiro, por favor,  
quando o adeus passar pela montanha.  
Não leve, ou pelo menos deixe a fronha,  
que é testemunha muda desse amor.

Amor degenerado e sem-vergonha,  
que fez de nossa cama um Coliseu,  
antítese de Eurídice e Orfeu,  
que durou muito mais do que eu suponha.

Pode levar o carro, a bicicleta...  
meu estro embolorado de poeta  
e até meu velho jogo de botão.

Mas deixe, por favor, o travesseiro,  
e assim eu poderei guardar o cheiro  
de ti, quando fingir nova paixão.

### **Juízo, afinal!**

E Eva, em conluio co'a serpente,  
mordeu, no talo, o pomo de Adão.  
E o criador ficou com o "c" na mão,  
e nunca mais dormiu daí pra frente.

Depois de muito estio e muita enchente,  
Eva inventou a saia e a calcinha,  
e fez o criador entrar na linha,  
e fez um paraíso diferente.

E veio Salomão, Davi, Moisés...  
a camisa de Vênus, os motéis...  
a pílula azul: sildenafil.

E veio o smartphone e, até que enfim,  
Eva abraçou Geni, o Zepelim...  
e o céu, cada vez mais, tá mais anil.

### **Inferência mediata**

Quem vive a espiar a previsão  
do tempo, em pleno tempo de estio.  
Quem vive a evitar entrar no cio,  
com medo de cair em tentação.

Quem vive a procurar uma razão  
para brindar o sol de um novo dia.  
Quem vive a reformar a fantasia,  
com medo de trair a tradição.

Quem vive a vida inteira a dizer não,  
quando se põe na frente do espelho.  
Quem vive a esperar por um conselho,  
com medo de botar os pés no chão.

Ou morre, lentamente, à prestação,  
ou vive, para sempre, de joelho.

## **Sublimação**

Se o teu pranto secou, ensaia um riso,  
pois o riso é o pranto no estio,  
quando a alma se encontra por um fio  
e a paixão põe a dor de sobreaviso.

Quando, às barbas tingidas do juízo,  
a libido realça as próprias cãs,  
quando as noites esquecem das manhãs  
e saber navegar não é preciso.

Quando as trocas de amor dão prejuízo  
nas barganhas dos sonhos como siso,  
é chegado o momento da mudança:

pega um pano qualquer, vermelho e branco,  
arma um circo e sai, qual saltimbanco,  
a vender os teus sonhos de criança.

## **A vizinha do lado**

Oi! um discreto aceno... um "Olá!"  
Um flato a viajar no elevador,  
debaixo de um vestido multicolor,  
ao som de "foi bonita a festa pá!"

Moderno, não precisa condutor,  
o nosso elevador guarda, em segredo,  
as sobras do sucesso e do degredo,  
que a vizinhança não tem onde pôr.

Vou colocar cadeiras na calçada,  
bufar, lembrar o cheiro e dar risada  
do flato displicente da mocinha.

E quando finalmente o sol se pôr,  
subo a lembrança pelo elevador  
e deixo-a frente a porta da vizinha.

### **Barriga mediana**

Mulheres querem homens sem tintura,  
sem caspa, sem “plastique” ou preconceito!  
Homens discretos, fortes, sem trejeitos...  
com algo ereto abaixo da cintura.

Mulheres são sublimes criaturas,  
que sabem pensar sim e falar não,  
que amam com a alma e a razão,  
que gostam do calor e da frescura.

Mulheres, como tu, Rosa em botão,  
que desabrocha o pomo de Adão,  
são como a flor que beija fino talo.

E eu, que sou um reles colibri,  
como não sei voar perto de ti,  
baixo estas tristes asas e me calo.

### **Presente de aniversário para Rosa Pena**

A Rosa, que é rosa de Ipanema,  
que pena, ela tem Pena no nome.  
Esconde tanto amor não sei bem onde.  
Responde onde houver um só poema.

A Rosa para mim virou dilema.  
Amena, me acena com um sorriso.  
Que viço! Já me faz sentir noviço,  
por isso é que eu amo Rosa Pena.

A Rosa para mim virou mania.  
De dia, alivia o meu cansaço.  
E quando me acolhe com seu braço,  
eu caço seu amor por companhia.

À Rosa, que é prosa e poesia:  
bom dia, um soneto e um abraço!

### **Conversa pra boi dormir**

Lá vem o ano novo brasileiro  
sem CPMF e sem saúde.  
Peço pra Rosa Pena que me ajude  
a celebrar o próximo Janeiro.

Quem sabe eu me torne o padroeiro  
dalgum CIEP morto, junto ao lixo!  
Quem sabe possa até jogar no bicho  
na falta de QI e de dinheiro!

E como toda rosa tem seu cheiro  
e hoje sinto um cheiro de cachaça,  
peço à amiga Rosa que me faça,  
como um favor pra este cachaceiro:

Pague o caldinho deste cavalheiro,  
que o porre e ressaca são de graça.

### **Psicodrama**

O meu psiquiatra me falou  
que sou PMD de carteirinha  
e disse a mesma coisa pra vizinha,  
e deu-me o que pra ela receitou.

O meu psiquiatra é professor,  
frequenta dez congressos todo ano,  
embora continue receitando  
um velho comprimido sem sabor.

Chamem um pai de santo, por favor,  
pois não suporto mais a terapia!  
Ando comendo mais do que devia  
e ostento um amarelo furta-cor.

O meu psiquiatra me falou,  
que sofro de cruel ciclotimia  
e que possivelmente qualquer dia  
eu não me lembre ao certo mais quem sou.

O meu psiquiatra é um doutor  
com pós-graduação em terapia.  
Estuda vinte horas todo dia  
e foi avaliado com louvor.

Mas peço a Deus do céu, Nosso Senhor:  
me mande um pai de santo da Bahia.

## **Protagonista**

E deu-se ao herói e ao bandido,  
também ao segurança na esquina.  
Vertia seus desejos na vagina  
e no cansaço do fiel marido.

Amou, com profusão e alarido,  
cada bandido e cada bom mocinho.  
Fartou desejos, deu o seu carinho...  
a cada vinte beijos, um gemido.

E foi vivendo mais do que vivido,  
e enviuvou com toda discrição,  
e libertou o ventre da prisão,  
e encenou seu filme preferido.

Se fora mãe, houvera esquecido  
nalgum gemido da sua paixão.

## **Paixão aculturada**

Vivemos hoje a derramar cultura  
pelo vazio do nosso passado.  
Pagino um livro a cada beijo dado  
nos lábios pouco abaixo da cintura.

Morreu em nós aquela criatura,  
que se entregava, assim, despudorada...  
a espalhar, por muitas madrugadas,  
os gritos de prazer a toda altura.

Não mais ciúme, nem vulva molhada!  
Viramos peça de literatura:  
página sóbria entre capas duras,  
a segredar a história não contada.

Aquela história que foi editada,  
quando o amor era nossa cultura  
e cada beijo, abaixo da cintura,  
repaginava as nossas madrugadas.

### **Fale comigo**

Acode-me, meu Deus, morreu Neruda!  
Quem há de traduzir o meu amor?  
Acode-me, ó Deus, nosso senhor!  
Não vês que eu preciso de ajuda?

Acode-me, Neruda, por favor!  
Quem há de traduzir os versos meus?  
Acode-me, Neruda, pois que Deus  
há muito já não ouve meu clamor!

Acode-me, meu Deus, por teu amor,  
pra quando finalmente eu me for  
eu possa encontrar a tradução

dos versos que Neruda fez pra mim.  
Pois quando um soneto chega ao fim  
só Deus pode assinar a criação.

### **A saudade, segundo Rosa Pena**

Invista na saudade, companheiro!  
Saudade é um grande investimento.  
Retorno garantido, cem por cento,  
ainda que se morra sem dinheiro.

Saudade é como o Rio de Janeiro  
ao sol que se escondeu do carnaval:  
um samba pendurado no varal  
à espera paciente de um pandeiro.

Invista na saudade, companheira!  
Saudade é, na ciranda financeira,  
o saldo entre a dor e o prazer.

E mesmo sob a luz do esquecimento,  
consegue superar o rendimento  
dos juro que pagamos pra morrer.

### **Silogismo poético**

Se cada um de nós é uma estrela,  
o céu é uma tela sem pintura  
à espera de uma nova criatura,  
que Deus tenha orgulho de fazê-la.

Se Deus olha por nós lá das alturas  
e nós somos estrelas de aquarela,  
o céu há de servir-nos como tela  
e Deus há de salvar-nos da loucura.

Se cada um de nós emana um brilho  
e Deus nos concebeu tal qual um filho,  
vejamos cada um como um irmão.

Se Deus nos fez irmãos sob o seu teto,  
duvido que o divino arquiteto  
deixou estrelas sem constelação.

### **Aos políticos de merda**

Freud, Jung ou Chico do hospício,  
todos sabem de cor e salteado,  
que a merda, que ora fede ao seu lado,  
pode virar a obra do ofício.

Ora vira discurso de comício,  
ora vira sermão dominical.  
Ou cheira no Jornal Nacional,  
ou fede em um famoso orifício.

Por isso, minha amiga Rosa Pena,  
o seu amigo Cula sai de cena  
e vai dormir nas redes sociais.

Mas, se por um acaso do destino,  
alguém puder ouvir meu intestino,  
eu posso até ficar um pouco mais.



### **Um brinde aos pedantes**

Quem vive a ruminar sabedoria  
e defecar cultura e erudição.  
Quem vive a arrotar a pretensão  
de ser muito maior que a maioria.

Quem tenta dar quinau no bom Platão,  
em Sócrates, Descartes, Galileu...  
Quem vive a exaltar o próprio Eu  
como se fosse o Pai da criação.

Quem vive a ultrajar a poesia,  
que há numa palavra de carinho...  
Quem vive a espalhar pelo caminho  
o preconceito, almoz da utopia,

há de amassar o pão de cada dia  
no vaso sanitário do vizinho.

### **Hipócrata sin pero no mucho!**

A hipocrisia, essa velha dama,  
anda de braços dados com a fé,  
como se fosse o leite e o café,  
como se fosse a brasa e a chama.

Como se fosse o barro e a lama,  
a dor de João Batista e Salomé,  
a reza do beato e a santa sé,  
a falta de humildade e a fama.

Como se fosse a onda e a maré,  
a forma do sapato e o pé,  
o gosto do pecado e o perdão.

A hipocrisia, essa velha dama,  
que finge cochilar na vossa cama,  
é, na verdade, a dona do colchão.

### **Sifiligrafia poética**

A sífilis, seu doutor, é um problema,  
que nos impõe pesados desafios.  
Um deles é saber, entre os sadios,  
aquele que esconde o treponema.

Quiçá Pedro pedreiro ou Iracema;  
o Joca, a Carolina, o Matogrosso!  
O meu vizinho do lado, pobre moço,  
ou mesmo a garota de Ipanema!

O velho boia-fria ou Leonor;  
o padre, o rabino ou o pastor;  
a santa a prostituta ou o mundano.

Quiçá o pequenino Treponema  
se esconda nas entranhas de um poema  
da verve de um poeta herculano.

### **Idiota perfeito**

Quando tu deres voz ao pensamento,  
faça-o na mais reclusa discrição:  
como Cauby ao som de Conceição  
ou Jenival ao rock do Jumento.

Cuida de esconder o teu talent  
dos olhos gordos, prenes de despeito,  
pois quando um idiota é perfeito,  
há outros a seguir o mesmo intento.

O mundo dos beócios, meu rapaz,  
é feito de quem pensa ser capaz  
de inventar a roda novamente:

de revogar a lei da gravidade,  
pra suportar o peso da vaidade  
de ser um idiota inteligente.

### **Patologia poética**

Minha velha safena varicose,  
cheia de nós por toda a trajetória,  
é testemunha viva da história  
da touça de capim que dava rosa.

Poeta execrado da memória,  
um cisco sob o lixo do parnaso,  
eu não sou nada apenas por acaso,  
mas por ser parte inata da escória.

Aos doutos imortais da Academia  
de Letras, eu dedico a poesia  
da minha velha, e torta, e triste veia:

um soneto banal, de rima pobre,  
com um fecho de ouro feito em cobre,  
pra servir de sabão na vossa ceia.

### **Dedução lógica**

Aposentado, o velho cozinheiro  
rumina mil sequelas do ofício:  
o choro de cebola, o sacrifício,  
as horas de trabalho sem dinheiro.

Trabalho, e mais trabalho, o ano inteiro!  
Cebola, e mais cebola, a cada dia!  
O sangue derramado sobre a pia,  
que o ocre do avental encarde o cheiro.

Errou no sal, no corte, na receita,  
no ponto da bendita costeleta  
e na temperatura do fogão.

Errou a mão na faca e no tempero.  
E, finalmente, pra seu desespero,  
errou ao não prever a demissão.

## **Anúnciação**

Onde se vê o fim da longa estrada,  
há uma nova estrada em construção  
e mais adiante há um ribeirão,  
que liga o fim de tudo ao fim de nada.

Há uma lua triste enamorada  
por uma estrela guia que não guia.  
Há uma noite eterna, à luz do dia,  
trás de uma luz no fim dessa jornada.

Onde se vê a curva anunciada  
pelos bêbados, loucos e poetas  
ou pelas previsões dos vãos profetas,

há outras tantas curvas declinadas.  
Quando chegar enfim a hora certa,  
vós sabereis que a hora é chegada.

## **Censura**

Não fosse a liberdade de expressão  
a alma singular da poesia.  
Não fosse um poema a ousadia,  
que teima e desafia a razão.

Não fosse o poeta um senão  
no seio de um mundo sempre igual.  
Não fosse o verso o parto natural,  
que dá à luz a voz do coração.

O que seria, pois, de um soneto,  
senão uma visão em branco e preto  
do arco-íris sob a noite escura.

Quiçá um vaga-lume, sem lantern,  
vagando pelo céu em noite eterna,  
na ânsia de encontrar a sepultura.

### **Ser pobre**

Ser pobre é ter um gene mutilado  
na guerra entre a fome e a fartura  
e derreter os sonhos na gordura,  
que verte junto ao sangue derramado.

Ser pobre é ser banido da cultura  
na guerra entre a pena e a enxada  
e vomitar os sonhos na calçada,  
antes que Deus lhe cave a sepultura.

Ser pobre é ter que ouvir, sem dar um pio,  
a voz do preconceito imbecil,  
que bufa nos jardins da hipocrisia.

Ser pobre é ser chamado vagabundo  
e trabalhar no chão do submundo  
pra fermentar o pão da burguesia

### **Por detrás das palavras**

Quisera cultivar a ousadia  
e a poesia chula das palavras,  
que nunca disse, pois que são escravas  
do jugo imperial da hipocrisia.

Palavras que ofendem a maioria  
dos escudeiros da moralidade,  
pois na crueza e na leviandade  
vestem-se de invulgar sabedoria.

Quisera emoldurar pornografia  
junto a "Las Señoritas" de Picasso!  
Talvez, assim, encontre algum espaço  
pra colorir minha monotonia.

Mas só escrevo a bela poesia  
do amor mofado, prenehe de mesmices.  
Quiçá um dia escreva cretinices,  
na solidão dalguma companhia.

### **Maluco beleza**

E da metamorfose de um vate  
surgiu a criatura ambulante,  
que revolucionou naquele instante  
o coração que no meu peito bate.

Vagando pelas vias siderais  
de óculos escuros, como a vida,  
era a metamorfose colorida,  
que foi parida há dez mil anos atrás

e que carpiu, na cruz do redentor,  
as mágoas da futura geração.  
Carpiu, também, o próprio coração

nos pegue-pagues de nosso senhor.  
Até que a morte, enfim, fez um favor:  
metamorfoseou-o em canção!

### **Filosofice**

Eterno luminar da poesia,  
vive o poeta a grande odisseia  
de navegar nos mares da ideia,  
sem bússola, por toda a travessia.

A musa que é, do bardo, estrela guia,  
reluz seu esplendor nos sete mares;  
no céu, na terra, em todos os lugares,  
quer seja de verdade ou utopia.

Sepulcro do talento, a arrogância  
aumenta, muitas vezes, a distância  
entre uma ideia posta e a criação.

Portanto, meus poetas, eu vos digo:  
não haveria pão, não fosse o trigo  
e um gajo que pensasse em fazer pão.

### **Aos literatiços e outros deuses da letra**

Quem julga que o outro tem mecônio  
no cérebro, é parvo, é obtuso...  
tem falha de caráter ou não faz uso  
da cota hereditária de neurônios.

A inteligência, esse patrimônio  
que o cérebro consome dez por cento,  
às vezes faz fluir, no pensamento,  
um cheiro intrigante de amônio.

Quem trata um ser humano como hiena,  
há de aprender a rir, a duras penas,  
da própria magistral ignorância.

Há de rever os vícios de nascença,  
na busca do perdão pelas ofensas,  
pra diluir o fel da arrogância.

### **Esticando a corda**

Morreu Saddam, de morte americana,  
como a tampinha de uma coca-cola.  
Morreu levando Bush na cachola,  
como lembrança da vida mundana.

Levou um big-mac na sacola  
-a bomba de mais alta explosão-  
segundo ele, pra matar o cão  
que fora seu colega de escola.

A morte encontrou Saddam Hussein  
deixando W. Bush pra depois.  
O inferno era pequeno para os dois,  
Deus queira o outro vá ano que vem.

### **Pasquinagem cibernética**

Atrás de uma aventura virtual,  
navega na Web o dia inteiro.  
Mulher, com seus cinquenta fevereiros,  
versada em mentira digital...

Encontra um internauta sorrateiro  
na caixa do Outlook, todo dia.  
Recebe flores, beijos, poesia...  
e arroubas ponto com tão verdadeiros,

que seu e-mail já perdeu a conta.  
Mulher, de apaixonada, ficou tonta  
no último download da paixão.

Saiu de casa para um botequim,  
perambulou em busca dum Pasquim,  
mas não achou nenhuma edição.

### **Ingramaticável**

Eu nunca fiz as pazes c'oa gramática!  
Não sei usar a vírgula e mais:  
também não sei usar tempos verbais;  
sou fraco em análise sintática.

Cometo todos os erros usuais  
de quem escreve fácil e displicente.  
E embora admire essa gente,  
que têm assento junto aos "imortais",

me toca muito mais a poesia  
do que a construção gramatical.  
E, se por um acaso, escrevo mal,  
não deixo de assinar a autoria.

Eu tenho, cá comigo, a teoria  
de que errar é verbo impessoal.



### **Literômano**

Sou um soldado raso da palavra  
na guerra entre a arte e o ofício.  
Cultivo a poesia, como vício,  
nos versos que a dor às vezes lavra.

Pseudoliterato de hospício,  
escrevo, por instinto e vocação,  
aquilo que me vem ao coração,  
ainda que não venha de início.

Poeta, sim! Aceito este suplício.  
E se algum dia eu largar o vício,  
decerto morrerei de abstenção.

De vez que a poesia, esse pileque,  
vai bagunçar meu peito, qual moleque  
a explodir bolinhas de sabão.

### **Um novo despertar**

Caíram-lhe as nalgas e os seios,  
a tez tornou-se quase uma pelanca,  
a cabeleira loura ficou branca  
à espera do amanhã que nunca veio.

Setenta anos, quase cinco alheios  
à voz dos seus instintos hormonais.  
Há tempo não beijava e, muito mais,  
não mais se entregava a devaneios.

Hoje acordou na frente do espelho  
e sua imagem deu-lhe um conselho,  
que finalmente teve de seguir:

—Mulher ergue teus seios decaídos  
e tira do armário algum gemido:  
aquele que cansaste de ouvir.

### **Alegoria do paradoxo**

Antítese do triste, o carnaval  
traz a tristeza mais perto de mim,  
como se fosse um pé de alecrim,  
que nunca sombreou um só quintal.

Meu coração, soturno berimbau,  
solfeja monocórdio, até o fim,  
como se fosse um tolo arlequim  
na dança do arame sobre o pau.

Antítese do triste, o carnaval  
faz da tristeza minha apoteose.  
Eu ergo mais um brinde à psicose  
e, embriagado, morro no final.

Não fosse a poesia imortal,  
eu morreria na primeira dose.

### **Desletrado do absurdo**

Ando puto da vida co'a gramática!  
Não escrevo parágrafo sem erro!  
O verbo errar assiste meu enterro  
de braços co'a análise sintática.

Restos mortais da vil sintagmática,  
na cova sepulcral da língua culta,  
cometo aquele erro que insulta  
de forma persistente e sistemática:

eu cuspo no sujeito da oração,  
defeco crases sob o travessão  
e assim vou digerindo ortografia.

Rumino meus detritos de cultura,  
pra disfarçar os erros de feitura  
e preservar o chão da poesia.

### **Plagiador**

Não há no mundo alguém sem mais valor  
do que um salafrário contumaz.  
Aquele sem-vergonha que é capaz de  
corromper o ódio e o amor.

Aquele que não fez e diz que faz  
e cobra o que não fez, como um favor.  
Aquele espécie torpe de ator,  
que sempre representa algo a mais.

Não há no mundo alguém que viva em paz  
nas mãos de um salafrário contumaz,  
que pousa de poeta: um literato...

Aquele cafajeste que é capaz  
de adular o que o outro faz  
pra realçar a pose no retrato.

### **Poetastro**

Eu sou um negativo de poeta  
na polaroide vil da poesia.  
A borra espectral da estesia,  
que torna a arte pura abjeta.

Sou quase um aleijão, sem serventia,  
a coxear nas letras pela vida,  
como se andasse sempre de partida  
pra um lugar qualquer, a qualquer dia.

Eu sou um sonetista sem soneto,  
que faz da poesia o cianeto,  
que há de envenenar a pretensão

de ser mais um poeta, entre tantos,  
que vive a poetar todos os prantos,  
até que um dia entenda a razão.

## **Socialista burguês**

Tomé, um socialista de renome,  
consome muito mais que seu vizinho:  
uísque importado, um bom vinho...  
e ovas de esturjão quando tem fome.

A casa de Tomé tem telefone,  
aquecedor central, hidromassagem;  
ostenta cinco carros na garagem  
e vários serviços sem sobrenome.

Tomé faz um discurso comovente  
em prol do bem estar da pobre gente,  
que vive nos umbrais da exclusão.

Transita, entre o trabalho e o capital,  
enquanto baixa as custas do salário  
dos serviços por culpa da inflação.

Tomé jamais gastou um só tostão  
na luta desigual do proletário.

## **O Homo sapiens moderno**

Do vômito fecal da criação  
à fossa sanitária do universo,  
o dejetado do Pai compõe meu verso,  
disfarçado de Eva ou de Adão.

Criado no ocaso da moção  
pela visão canhestra do divino,  
carrega um neurônio no intestino  
pronto pra desovar sua função

de predador da auto existência:  
um semideus humano, sem decência,  
a fomentar seus erros no perdão.

O homo sapiens pleno, inteligente...  
que come, e dorme, e vive, como gente,  
mas incapaz de amar o seu irmão.

### **Divagação de um Bobo**

Eu sou um bobo, um bobo que se orgulha  
de não passar o outro para trás.  
Eu sou aquele bobo contumaz,  
que nunca põe a bala na agulha.

Eu sou um desses bobos usuais,  
que têm a mente e o peito sempre abertos  
à gana predadora dos espertos,  
que vivem quase sempre a querer mais.

Eu sou aquele bobo consciente,  
que se dá, aos espertos, de presente,  
com doce e pueril ingenuidade.

E por ser bobo, assim, desse meu jeito,  
é que posso bater a mão no peito  
e rir e esbanjar felicidade.

### **Autópsia**

Um maço de cigarros, um isqueiro,  
um copo derramado sobre a mesa,  
um livro, um romance de princesa,  
um cheiro de manhã no travesseiro.

Um dia de domingo em janeiro,  
um barco a deslizar numa pintura,  
um corpo que se despe sem censura,  
Um trago de cigarro, o derradeiro.

Um verso a fustigar um pensamento,  
um bêbado dormindo ao relento,  
um poeta a procura de um motivo.

Um versinho qualquer, de pé quebrado,  
a volver mil lembranças do passado  
pra provar a mim mesmo que estou vivo.

### **Olhar fecundo**

A balouçar as nalgas sensuais  
e respingar o mar pela areia,  
a bela Eva vai e segue alheia  
aos olhos que, famintos, pedem mais.

Ao lado alguns poetas comensais  
beliscam poesia à milanesa  
e cospem versos, bêbados, à mesa,  
sob o olhar descrente dos casais.

A tarde abre um sorriso complacente,  
enquanto dá-se o bote da serpente  
à sombra dos pomares de Adão.

Quem pode imaginar esse momento,  
pode enxergar além do pensamento  
e ver, da poesia, o embrião.

### **Entre 25 de dezembro e 01 de janeiro**

Foi-se o natal, nos resta a esperança,  
que o novo ano seja um ano novo,  
que a galinha de ouro ponha um ovo  
sobre as palhas e penas da finança.

Que se apague da mente a má lembrança  
e os vestígios de dor e sofrimento.  
Que o amor force o dom do pensamento  
a pensar como pensa uma criança:

—amanhã vou brincar de amarelinha  
ou quem sabe, de rei e de rainha,  
ou escravo de Jó, rodar pião...

—me juntar aos meleques lá da rua,  
pular corda, brincar à luz da lua  
e pedir aos meus pais: sua benção.

### **A estória de João e Maria na meia idade**

Num mar de chocolate e coca-cola,  
João nada depois das refeições.  
Maria, que tem lá os seus senões,  
só nada em lençóis de gorgonzola.

Os dois, dois abastados quarentões,  
filhos de um falecido lenhador,  
já usam serra elétrica, trator,  
transportes fluviais e aviões.

Nem se lembram da bruxa canibal,  
que tentou os comer em água e sal:  
um cozido, outro assado, na panela.

Apagaram pra sempre da memória  
o passado vivido na estória,  
hoje tomam sorvete à luz de vela.

### **Pendurando o bisturi e a pena**

Estamos em janeiro cá na terra!  
Daqui a pouco já é carnaval!  
Dá um pulinho fora... e coisa e tal...  
pois quanto mais se acerta, mais se erra.

A "Copa" tá aqui no meu quintal  
e a bola vai rolar de qualquer jeito.  
Seja o gramado cheio de defeitos,  
vão dar o pontapé inicial.

Acho que vou fechar meu consultório,  
montar algum programa de auditório,  
ou uma nova igreja por franquia.

E já pensei até mudar meu nome,  
deixar meu coração morrer de fome  
e até terceirizar a poesia.

## **Neuropatologia do verso**

Mais um dia na mente de um louco:  
uma revolução se anuncia  
e o neurotransmissor da poesia  
percorre os neurônios pouco a pouco.

Um verso dissidente desafia  
e subverte a ordem cerebral,  
enquanto um outro verso dá sinal  
de que não acha a rima pra fobia.

E assim o louco cria um soneto  
e sai, a recitar, de gueto em gueto,  
até bater às portas do juízo.

Finda o dia na mente de um louco:  
a poesia dorme mais um pouco  
e sonha acordar no paraíso.

## **Obra poética**

Sou um livro mofado na estante,  
distante da visão de quem procura  
encontrar sapiência, com fartura,  
sob um ponto de vista interessante.

Sou poeta e poeta, a essa altura,  
não é mais que um bicho ruminante,  
que engole e vomita, a todo instante,  
os sobejos da vã literatura.

Queira Deus algum dia, inda distante,  
um incauto qualquer abra a estante  
em que dorme este livro sem leitura.

E quem sabe uma traça, em agonia,  
roa os veios e os nós da poesia  
e vomite a serragem da cultura.



### **Cliente preferencial**

Hoje, aos sessenta anos de idade,  
já pago meia entrada no cinema,  
escrevo meio verso de um poema  
à espera que alguém leia a metade.

Já posso andar de graça na cidade,  
nos ônibus lotados, sem conforto...  
já não preciso mais fingir de morto,  
pois já sou quase morto de verdade.

Já posso furar fila, entrar na frente,  
sob o olhar insano dessa gente,  
que espera a sua vez, impaciente...

Já posso, finalmente, ir ao banco,  
subir, e dar vexame, nos tamancos  
e rir da hipocrisia do gerente.

### **Sinal fechado**

Parada no sinal. Vem um pivete:  
—Tia, dá um trocado pra maconha!  
Você olha de lado, com vergonha,  
mas vê que o cara tem um canivete.

Então, faz uma cara de pamonha,  
tira o falso Ray-Ban, põe no console...  
tenta mascar a goma, mas engole,  
com medo que o pivete se oponha.

—Vai, tia! Manda a bolsa, o celular...  
Você sente vontade de mijar,  
se é que não mijou até então.

—Anda, coroa! Você abre a janela,  
entrega o celular, sai da “banguela”  
e grita sem parar: —pega ladrão!

## **Dia primeiro de janeiro de 2016**

Dois mil e dezesseis depois de Cristo,  
o homem rouba e mata, sob a cruz,  
e chora, e reza em nome do Jesus,  
que não parece ter a ver com isto.

Alguém, por obséquio, acenda a luz  
por onde há de passar o ano novo,  
que logo logo vai sair do ovo  
pronto para esculpir mais uma cruz.

Que se estourem champanhes, ergam taças!  
Que se explodam os fogos de artifício!  
Que os deuses, por obra do ofício,  
despejem sobre o mundo as vossas graças!

Que nos poupem da dor, do sacrifício!  
Que nos livrem das fímbrias da desgraça!  
Que se espalhe alegria pelas praças  
e que todos a tenham como vício!

Dois mil e dezesseis anos depois,  
há quem crê e descrê na profecia.  
Que o crente e o descrente, nesse dia,  
tenha um só coração, invés de dois!

### **Livre pensar**

No banquete dos vermes o caviar e o pirão de  
farinha têm o mesmo preço e o mesmo valor  
nutritivo.

**Herculano Alencar**